

Práticas sociais e organizacionais em cooperativas de reciclagem pós-consumo: interações e sociabilidades¹

Maria de Lourdes Borges – Centro Universitário La Salle (Canoas) –
maluborg@gmail.com

Robinson Henrique Scholz - Centro Universitário La Salle (Canoas)

Tema 13: Prácticas organizacionales en cooperativas, movimientos sociales y organizaciones comunitarias

Resumo

O objetivo do artigo é analisar como ocorrem as práticas sociais e organizacionais em seis cooperativas de reciclagem pós-consumo e seu reflexo nas práticas interacionais dos cooperados. Foram estudadas qualitativamente 6 cooperativas de reciclagem pós-consumo incubadas pelo Tecnosocial/Unilasalle. Os dados consistem de 18 entrevistas semi-estruturadas, observações e relatórios técnicos. Os dados foram analisados segundo a Análise de Conteúdo. Os resultados indicam que as práticas sociais e organizacionais acabaram sendo evidenciadas em termos de cooperação, autogestão que ocorre por meio coletivização, aprofundamento de vínculos emocionais, processos de autogestão e sua relação com a subjetividade, aprendizagem em função das interações, bem como restrições concretas do ambiente de trabalho e sentimentos de desqualificação e estigmatização como catador. Ao final são realizadas duas proposições: (i) nos contextos da economia solidária as práticas organizacionais não devem ser analisadas como distanciadas das práticas sociais, uma vez que uma leva a outra; (ii) quando os processos de autogestão tornam-se estáveis na prática do trabalho na economia solidária, as bases da confiança entre a maioria dos membros devem estar relativamente firmes.

1. Introdução: práticas sociais e organizacionais

O objetivo do artigo é analisar como ocorrem as práticas sociais e organizacionais em seis cooperativas de reciclagem pós-consumo e seu reflexo nas práticas interacionais dos cooperados. Foram estudadas qualitativamente 6 cooperativas de reciclagem pós-consumo incubadas pelo Tecnosocial/Unilasalle. Os dados consistem de 18 entrevistas semi-estruturadas, observações e relatórios técnicos e analisados segundo a Análise de Conteúdo.

Parte-se do pressuposto de que as práticas organizacionais resultam das práticas sociais que os membros das cooperativas colocam em ação diariamente a fim de buscar a manutenção das metas de trabalho em comum (GOFFMAN, 1985; GARFINKEL, 1967; WEICK, 1995).

¹ Apresentado en el III Congreso Internacional Red Pilares - La Administración y los Estudios Organizacionales en el Contexto Latinoamericano - Porto Alegre y São Leopoldo, Brasil, Agosto, 26 al 29 de 2014.

Goffman (1985) foi o precursor de uma sociologia voltada para a esfera comunicativa ao buscar entender as interações entre os seres humanos: como os interlocutores compartilham orientações “nesta situação”. Compreendeu que cada encontro social apresenta por si metas tácitas específicas que são ali situadas que envolvem as identidades institucionais dos participantes, os quais tornam relevantes no “aqui e agora desta interação”. Isso ocorre por meio do julgamento que os participantes fazem sobre os comportamentos e ações uns dos outros como apropriados ou não, relevantes ou não voltada para a meta tácita de cada encontro (GARCEZ, 2006).

Segundo Goffman (1985) as ações das pessoas quando em interação social na vida cotidiana são orientadas para entender ‘o que está acontecendo aqui, agora?’. Quando em uma interação social, as pessoas procuram orientar-se segundo a definição que fazem das situações em que se embrenham socialmente. Gastaldo (2008) exemplifica, caso uma pessoa entre em uma sala, veja um caixão com um corpo, velas, flores, pessoas chorando, ela poderia pensar se tratar de um velório, e que nesse caso, seria melhor não contar uma piada. Ela se orientaria para agir de maneira adequada para um velório. Caso se tratasse de uma cena (com um ator no lugar do defunto) poderia causar constrangimento à pessoa que se orientou para ações típicas de um velório. Assim, uma capacidade fundamental de quem vive em sociedade é a capacidade de definir as diferentes situações (GASTALDO, 2008).

Portanto, a sociologia de Goffman, também conhecida como microssociologia, busca entender como os indivíduos realizam estratégias nas interações, em situações e ambientes concretos, e como utilizam mecanismos de manutenção e preservação da ordem social em espaços específicos (SANTOS, 2009).

Outro autor que se alinha à microssociologia é Garfinkel (1967), o qual também focalizou as interações sociais, porém concentrou-se em entender como os membros de uma comunidade constroem conjuntamente as situações sociais em que se envolvem. Assim como Goffman, Garfinkel não se alinhou à sociologia tradicional preocupada com os padrões e grandes temas sociais, mas sim à microssociologia, tendo como proposta compreender o modo como o entendimento mútuo acontece nas interações cotidianas, como as pessoas se orientam para objetos, significados e identidade. (RAWLS, 2008). As situações de trabalho são incluídas nessas situações cotidianas, pois ali há constante orientação mútua às expectativas da própria pessoa, bem como aquilo que ela acha (que

ela estima) sobre as expectativas das outras pessoas com quem ela está interagindo. (RAWLS, 2008).

Assim, Garfinkel (1967) voltou-se para a compreensão dos sentidos que os membros de uma organização social atribuem às situações, objetivos, líderes, colegas, enfim de seu contexto e de como as ações interacionais terminam impactando nas sociabilidades. Assim também nos ambientes organizacionais, tal como em contextos de cooperativas de reciclagem, os participantes procuram maneiras de orientação mútua para produzir ordem em cada ocasião, o que vai explicar os detalhes dessa ordem (encontrada em cada interação) e do sensemaking (como eles produzem sentido de cada interação). (RAWLS, 2008).

Embasando-se em Garfinkel (entre outros autores), para Weick (1969 [1973], 1995) a organização existe a partir das ações dos seus membros, ou seja, a organização deve ser entendida enquanto resultado dos processos sociais que ali acontecem. A ideia subjacente é a de que a ação precede a cognição, por isso as pessoas ‘pensam depois de fazer’ (GIOIA, 2006). Nesse sentido, para Weick (1969 [1973]) um retrato mais próximo para explicar uma organização é que as ações precedem os objetivos. Assim, planos e planejamentos (inclusive o estratégico) servem somente como um guia, um mapa que pode incitar o movimento. Esse estado de coisas pode ser estudado nos empreendimentos da economia solidária, uma vez que eles surgem, geralmente de maneira espontânea, e tem como característica pouca formalidade em seus processos, tema que é visto na próxima seção.

2. Economia solidária nas cooperativas de reciclagem pós-consumo

Singer (2000, 2004) propaga o entendimento de uma nova lógica de ação para os envolvidos com o desenvolvimento solidário, tal como o contexto de cooperativas de reciclagem pós-consumo. Segundo Singer (2002) as pessoas que trabalham dentro do sistema da economia solidária não tem como finalidade a maximização do lucro (tal como no capitalismo tradicional), mas sua meta é a quantidade e qualidade do seu trabalho, uma vez que a destinação das ‘sobras’ deve ser decidida democraticamente pelos trabalhadores.

Em poucas palavras, o que é economia solidária? Para Singer (2002) a economia solidária é composta de empresas que praticam efetivamente os princípios do cooperativismo, entre os quais o principal é a autogestão. Autogestão é uma

característica central dos empreendimentos de economia solidária que conseguem implementar a democratização dos ganhos de produção, aquela em que os membros formam um grupo e governam a si mesmos em um processo democrático (BORGES et al, 2013; CASTANHEIRA; PEREIRA, 2008). Enquanto alguns trabalhos demonstram que a autogestão existe enquanto discurso (BARRETO; PAULA, 2009) outros trabalhos mostram como ela ocorre na prática (BORGES et al., 2013).

A economia solidária se desenvolveu a partir dos problemas sociais de desigualdade e pobreza (GAIGER, 2009), impelindo a criação de formatos coletivos de gestão e de organização do trabalho. Nesse sentido, o círculo virtuoso do trabalho associado está atrelado às formas autogestionárias e cooperativas densas onde percebe-se densidade dos vínculos solidários e onde quanto mais esses vínculos são intensos mais efeitos agregados apresentam (GAIGER, 2006).

Dito de outra maneira para Singer (2004, p. 9) “o desenvolvimento solidário é o desenvolvimento realizado por comunidades de pequenas firmas associadas ou de cooperativas de trabalhadores, federadas em complexos, guiado pelos valores da cooperação e ajuda mútua entre pessoas ou firmas, mesmo quando competem entre si nos mesmos mercados.” Segundo comunicação oral de Singer (2014) a economia solidária do Brasil é um exemplo para outros países, pois atualmente as pessoas adotam trabalhar na economia solidária por opção e não por desespero, por não terem emprego. Para ele, as pessoas não querem mais patrão (e os padrões de empresas tradicionais) e investem na economia solidária.

3. Contexto empírico da pesquisa

O presente artigo tem como campo empírico de investigação seis cooperativas de reciclagem de produtos pós-consumo que estão ou foram incubadas pelo Tecnosocial/UNILASALLE (Canoas/RS). O Tecnosocial/UNILASALLE é uma estrutura do Centro Universitário La Salle/Canoas voltado para criação e difusão de tecnologias sociais que representem efetivas inovações para contribuir na transformação social dentro dos princípios da Economia Solidária. Entre as principais áreas de inovação destacam-se meio ambiente, educação e economia solidária. Suas ações sociais interagem com as comunidades da região de Canoas e a comunidade acadêmica,

constituindo-se em um núcleo acadêmico-institucional que também promove a formação dos estudantes, conjugando ensino, pesquisa e extensão.

Das seis cooperativas estudadas cinco encontram-se no município de Canoas e uma no município de Esteio. São mais de uma centena de cooperados que convivem na lógica da economia solidária e que dali tiram o seu sustento. Abaixo um quadro com os elementos do ano da fundação de cada cooperativa estudada, localização e número de cooperados:

Cooperativa	Ano de Fundação	Bairro/Município	Cooperados
Cootre	2003	Votorantin/Esteio	21
Coopcamate	1986	Mathias Velho/Canoas	21
Cooarlas	2000	Guajuviras/Canoas	32
Renascer	1983	Estância Velha/Canoas	34
Coopersol	2009	João de Barro/Canoas	6
Coopermag	2002	Mato Grande/Canoas	23

4. Percorso Metodológico

A metodologia utilizada é qualitativa com inspiração fenomenológica, uma vez que os pesquisadores acompanharam as cooperativas estudadas por meio do processo de incubação de cada uma delas. No advento das visitas e encontros (72 no total) com o objetivo de incubação, houveram possibilidades de aproximação e inserção do dia-a-dia do trabalho dos cooperados, favorecendo um entendimento voltado para a prática e uma análise dos aspectos sociais e interacionais que foram se constituindo com o passar do tempo. Além das observações dos pesquisadores foram realizadas 18 entrevistas semi-estruturadas com três membros de cada cooperativa para buscar melhor compreender os objetivos da pesquisa. Foram utilizados ainda cadernos de campo e relatórios técnicos.

Cada uma das 18 entrevistas (três entrevistados em cada cooperativa) foi inicialmente transcrita. A análise dos dados das entrevistas, cadernos de campo e relatórios técnicos foi realizada por meio da análise de conteúdo temática. Para isso, inicialmente procedeu-se à leitura flutuante do material em que os pesquisadores foram categorizando núcleos de conteúdos que entenderam ter relação com o objetivo do

artigo. Em seguida, os conteúdos das mesmas categorias foram aproximados em uma tabela auxiliar. Procedeu-se então à interpretação sobre os conteúdos e também sobre os significados de cada categoria, para em seguida realizar uma comparação, aproximação com referências teóricas em cada uma, levando a resultados específicos. A partir disso, seis categorias sobressaíram-se: cooperação, autogestão na coletivização da maneira de trabalhar e de lazer, aprofundamento de vínculos emocionais, contradições no ambiente de trabalho, aprendizado conjunto, aumento e diminuição da autoconfiança. As análises dos dados e resultados do estudo são apresentados a seguir. Para fins de preservação da identidade dos participantes, foram alocados números para cada entrevistado, bem como letras para cada cooperativa estudada.

4. Análise dos dados

A categoria cooperação pode ser evidenciada nos dados com relação às práticas sociais, pois percebe-se que há um enfrentamento de diversas dificuldades individuais e coletivas por meio de ações de cooperação. Por exemplo, na Cooper M, são realizados empréstimos aos cooperados, agora que a cooperativa está mais organizada. Quando a cooperativa não era tão organizada no sentido de ter alguma estabilidade no faturamento e por conseguinte na divisão dos lucros, a estratégia para o enfrentamento das dificuldades financeiras era por meio de 'vaquinhas' entre os colegas. Agora, quando os cooperados podem contar com um valor mensal (mesmo que não seja fixo) a própria coordenação empresta valores aos cooperados que receberão retorno! Veja-se a fala da entrevistada.

agora tu chega na coordenação, se a coordenação tem ela te empresta, que vai saber que tu tem como pagar depois para eles. É uma coisa que mudou muito aqui. Antes a gente fazia vaquinha entre nós e ajudava uma colega que não tinha pra dar né. A gente ficava pensando "A cooperativa...", antes não era cooperativa né. Agora não, agora se tu chega na coordenação, se a coordenação tem ou se tem nos armários, ela pega e dá e depois tu vai lá e paga. Isso eu acho bem legal, porque isso aí antes não tinha aqui. (ENTREVISTADA 5, COOPER M)

Segundo Tiriba (2007) as relações de cooperação e de reciprocidade são características de empreendimentos na economia solidária. Segundo Veronese (2011) a cooperação é muito importante nos empreendimentos solidários, sendo um sinal

distinto da típica relação de assalariado, pois a cooperação pode ser evidenciada na dimensão social (SCHOLZ, 2009).

Foram evidenciados elementos da categoria autogestão que ocorre por meio coletivização da maneira de trabalhar na Cooper S, no que se refere tanto às práticas sociais, quanto organizacionais. Evidenciou-se que a coletivização da maneira de trabalhar ocorre por meio dos processos de socialização das atividades operacionais e de descanso (indo de encontro à tradicional divisão do trabalho), nas quais os membros chegam a consensos sobre quem vai trabalhar em qual função ou mesmo quem vai cozinhar o almoço para todos.

a gente entra num consenso, do tipo, quando tem que trabalhar na reciclagem, todos vão para a reciclagem, trabalham, separam os papelões, o plásticos, pet, sacos de cimento. Todos separam, todos organizam e depois quando tem que ir no outro dia na Xxxx, que é onde ficam os materiais, as sucatas, todos vão juntos, não tem uma divisão específica, um vai para um canto, outro vai para outro. Quando tem que ir, vai todo mundo para uma lado e todo mundo pro outro. [...] O grupo, o grupo que se ajuda, o grupo ganha, que não adianta um, três, quatro trabalhar pra levar dois, três nas costas, tem que ter a união do grupo, se o grupo une, todo mundo ganha junto. (ENTREVISTADA 9, COOPER S).

Observa-se nesse relato, evidências da autogestão, uma vez que não se percebe a presença da tradicional divisão do trabalho (na fala da entrevistada) e que, concordando com Castanheira e Pereira (2008), na Cooper S pode estar ocorrendo uma experimentação social dentro de uma experiência concreta na economia solidária.

Até mesmo na hora do descanso ou do lazer, observa-se uma coletivização das atividades, podendo-se observar que o princípio da autogestão invade outros campos da vida dos envolvidos com a economia solidária. Assim, as práticas sociais que os membros concretizam durante as interações sociais é que formam a sua realidade de trabalho (GARFINKEL, 1967; RAWLS, 2008). Além disso, observa-se que é por meio da conversa que o grupo aprofunda vínculos e por meio das interações consegue elaborar e encontrar maneiras de solucionar problemas, enfrentar as dificuldades, bem como se divertir junto fortalecendo os vínculos sociais, tal como evidenciado no excerto a seguir.

no momento que a gente tá comendo, tá fazendo a comida, a gente conta as histórias, começa a rir, algumas horas a gente se assusta,

acho que é o momento de quando o grupo está junto, quando a gente conversa, se diverte. (ENTREVISTADA 9, COOPER S).

Tais evidências podem estar demonstrando uma maneira distinta da tradicional para a solução das questões operacionais da reciclagem onde não se verifica a existência de divisão do trabalho, em que todos ocupam as diferentes atividades variando conforme o dia. Observa-se que essa maneira de socializar as atividades ocorre não somente no trabalho, mas em momentos de lanche, almoço, café de maneira espontânea, onde a prática da autogestão ultrapassa as tarefas do trabalho, mas podem estar sendo experienciadas integralmente por seus membros. Nesse sentido, há uma sobreposição entre evidências da autogestão em relação à subjetividade dos membros de algumas cooperativas, tal como debatido por Onuma, Mafra e Moreira (2012) que propõe que o conceito de subjetividade, quando entendido no contexto da autogestão, abranja questões coletivas, para além das individuais.

O aprofundamento de vínculos emocionais foi outra categoria que se sobressaiu aos dados, a qual também se refere à esfera da subjetividade. O aprofundamento de vínculos foi evidenciado por meio da presença de conversas que ajudam na elaboração dos problemas comuns, gerando um contexto de aprofundamento dos vínculos emocionais.

Que é isso que eu admiro aqui no pessoal, a gente tá cansado, do frio, do calor, falta de material, a gente tá sempre conversando. Que a união do grupo, que é legal. (ENTREVISTADA 9, COOPER S).

Porém, aparecem contradições nas falas, pois ao mesmo tempo que há união do grupo, entendimentos sobre as tarefas e processos a serem realizados, a realidade prática impõe restrições, tal como apresentado pela entrevistada:

É um trabalho muito difícil, é muito cansativo, porque às vezes tá chovendo, e agente naquela chuvinha fina, fria, e a gente nada esquentada, nós fica só na base da água. E às vezes, a gente trabalha, trabalha e não rende. E às vezes, tem dia que o material não vem, daí a gente fica limpando o ambiente. Então é um serviço que admira, porque é difícil, tem que ter vontade de trabalhar, pra tá aqui, ou muita necessidade, porque é uma coisa que cansa, é muito puxado. (ENTREVISTADA 9, COOPER S).

A fala pode ser entendida como uma narrativa de superação, em que os trabalhadores (e principalmente trabalhadoras) precisam enfrentar um ambiente de

trabalho que apresenta condições de trabalho adversas, e que precisa tenacidade para ser enfrentado diariamente, especialmente no clima de extremos do sul do Brasil. Esse aspecto mostra algumas dificuldades reais dos empreendimentos solidários, os quais precisam produzir com baixa tecnologia e em condições miseráveis (SINGER, 2008), dificultando o alcance do potencial que a implementação dos princípios da economia solidária pode trazer aos envolvidos.

A aprendizagem em função das interações foi outra categoria que se sobressaiu, uma vez que foi evidenciado que, por meio das conversas, há a possibilidade de subjetivação das emoções e um modo de enfrentamento das angústias. Esse aspecto está coerente com o entendimento de Rolnik (1999) em que subjetividade é entendida como construção de estratégias de enfrentamento das mudanças, pressões, necessidades, problemas.

Em sentido financeiro, eu consegui, estou conseguindo adquirir as coisas que com o dinheiro só da pensão tava difícil. E no sentido que distrai um pouco a mente também, né. Ficar só em casa, pensando no que a gente deixa ou não deixa de fazer, é difícil, aqui a gente trabalha, a gente ri, brinca, cansa com o calor, no frio adoce, como todo mundo. Acho que é isso, uma oportunidade de dividir histórias e dividir o dia com as pessoas. (ENTREVISTADA 9, COOPER S).

Observa-se a importância de um ambiente psicológico de trabalho que contribua para que as pessoas possam 'ser elas mesmas', em que haja confiança para dividir (e então elaborar) as vivências angustiantes da vida, propiciando assim aprendizado individual e coletivo em que membros entendem que tiveram aprendizado para suas vidas pessoais, bem como voltados para a realização do trabalho.

Por outro lado, observa-se também que alguns membros sentem certo desprestígio por trabalharem em cooperativas de reciclagem. A fala da entrevistada a seguir denota essa visão:

as pessoas acham que por ser catador a gente tem que andar sempre sujo. Aí, a gente comenta, a gente tá aqui nuns trajes, como eu falo, batalha, nos trajes de batalha e quando a gente vai na rua, as pessoas acham que tem que ser tudo uma coisa só. [...] as pessoas não dividem, como numa firma qualquer, as pessoas lá são pessoas, e outras pessoas no trabalho é uma coisa e na rua é completamente diferente. As pessoas [acham] que é catador 24 horas por dia. (ENTREVISTADA 9, COOPER S).

Observa-se que na percepção da entrevistada, pelo fato de ela estar com o uniforme da cooperativa é olhada com 'cara de nojo'. Por meio dessa fala, pode-se inferir que a cooperada tem um sentimento de baixa autoestima e que não está feliz com sua condição de catadora. Borges et al (2014) entendem que alguns membros das cooperativas de reciclagem sentem-se desqualificados como trabalhadores, percebendo-se aí ações que ainda precisam ser trabalhadas dentro da economia solidária. Percebe-se que o sentimento de ser olhada com 'nojo' pelos outros, pode ser caracterizado como um estigma social e até mesmo uma identidade estigmatizada que marginaliza o indivíduo, tal como apontado por Goffman (1980) e por Toyoki (2013), uma vez que a pessoa está sendo desqualificada para uma aceitação social plena. Nesse caso, é a própria pessoa que percebe a desqualificação e por isso não se sente aceita socialmente. Não há dados para a compreensão do quanto a percepção da entrevistada se ampara ou não na realidade.

5. Considerações Finais

O objetivo do artigo foi o de compreender como ocorrem as práticas sociais e organizacionais em seis cooperativas de reciclagem pós-consumo e seu reflexo nas práticas interacionais dos cooperados. Os resultados indicam que as práticas sociais e organizacionais acabaram sendo identificadas nas interações dos membros das cooperativas em termos de cooperação, coletivização da maneira de trabalhar e de lazer, aprofundamento de vínculos emocionais, em processos de autogestão e sua relação com a subjetividade, aprendizagem em função das interações, bem como restrições concretas do ambiente de trabalho e sentimentos de desqualificação como catador.

Portanto, várias práticas sociais e organizacionais descritas acabam tendo reflexo nas práticas interacionais nas cooperativas analisadas. Em função dos achados neste artigo, são realizadas algumas proposições que precisam ser melhor estudadas em pesquisas futuras:

Proposição 1- Nos contextos da economia solidária as práticas organizacionais não devem ser analisadas como distanciadas das práticas sociais, uma vez que uma leva a outra. Quando se leva em conta o entendimento de Weick (1969 [1973]) de que a organização existe enquanto processos sociais realizados pelos seus membros, a proposição pode não se sustentar. Porém sabe-se que a maioria das organizações tradicionais são pautadas por regras e normas

regulamentadas no contrato de trabalho e que, na maioria das vezes, cerceiam os trabalhadores de conversarem livremente durante o trabalho. No contexto da economia solidária, ocorre ao contrário, pois segundo o princípio da autogestão, há maior responsabilidade de cada cooperado para a consecução do trabalho, bem como cada um pode agir mais livremente. Portanto, a proposição é a de que efetivos processos de autogestão necessitam de uma base interacional entre os membros que promovam processos sociais que suportem os processos organizacionais, para que seja possível a conquista de um ambiente em que as ações, atividades e estratégias sejam decididas e efetivadas coletivamente.

Proposição 2- Quando os processos de autogestão tornam-se estáveis na prática do trabalho na economia solidária, as bases da confiança entre a maioria dos membros devem estar relativamente firmes. Dessa maneira, comportamentos que os membros apresentam durante o trabalho são espalhados para momentos de descanso e lazer. A partir daí pode haver maior uma abertura para que os processos de subjetivação dos membros ocorram por meio de interações mais genuínas tanto nos momentos de trabalho, quanto de descanso.

Apesar das evidências de certa contradição entre os elementos dos processos sociais e organizacionais ocorrerem em um contexto de “falta” de estrutura física, em algumas cooperativas mais do que em outras, mesmo assim são evidenciadas práticas sociais voltadas para um ambiente de comprometimento dos membros. Tais elementos demonstram que o desenvolvimento da economia solidária está se solidificando no Brasil, para além das necessidades de emprego, mas como uma opção para trabalhadores que querem outra lógica de trabalho (SINGER, 2014) em um contexto repleto de contradições estruturais e sociais impactando nas interações e nas sociabilidades.

Referências

- BARRETO, Raquel; PAULA, Ana P. Os dilemas da economia solidária: um estudo acerca da dificuldade de inserção dos indivíduos na lógica cooperativista. CADERNOS EBAPE. BR, v. 7, nº 2, artigo 2, Rio de Janeiro, Jun. 2009.
- BORGES, M. L. ; SCHOLZ, R. H. ; SOUZA, N. A. P. ; CHRISTMANN, I. . Interações e ações dos sujeitos na cultura da gestão de resíduos. Mouseion (UniLasalle), v. 1, p. 99-120, 2013.

BORGES, Maria L., SCHOLZ, Robinson, ROSA, Graciema. Identidade, aprendizagem e protagonismo social: sentido do trabalho para sujeitos recicladores. *Otra Economía*. no prelo, 2014.

CASTANHEIRA, Maria Eugênia Monteiro; PEREIRA, José Roberto. Ação coletiva no âmbito da economia solidária e da autogestão. *Revista Katálysis*. V.11, n. 1, p. 116-122, jan-jun. 2008.

de Janeiro: Zahar, 1980.

GAIGER, Luiz Inacio . A associação econômica dos pobres como via de combate às desigualdades. *Caderno CRH (UFBA. Impresso)*, v. 22, p. 563-580, 2009.

GAIGER, Luiz Inacio . A racionalidade dos formatos produtivos autogestionários. *Sociedade e Estado (UnB. Impresso)*, Brasília, v. 21, n.2, p. 513-545, 2006.

GARFINKEL, Harold. *Studies in ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press, 1967. GASTALDO, Édison. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. *Rev. bras. Ci. Soc.*, Out 2008, vol.23, no.68, p.149-153.

GIOIA, Dennis A. On Weick: an appreciation. *Organization Studies*, v. 27, n. 11, p. 1709-1721, 2006.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 233 p.

NUNES, Everardo Duarte. Goffman: contribuições para a Sociologia da Saúde. *Physis [online]*. 2009, vol.19, n.1, pp. 173-187.

ONUMA, Fernanda; MAFRA, Flavia; MOREIRA, Lilian. Autogestão e subjetividade: interfaces e desafios na visão de especialistas da ANTEAG, UNISOL e UNITRABALHO. *Cad. EBAPE.BR*, v. 10, nº 1, artigo 4, Rio de Janeiro, Mar. 2012

RAWLS, Anne. Harold Garfinkel: Ethnomethodology and workplace studies. *Organization Studies*, v. 29, n. 5, p. 701-732, 2008.

ROLNIK, Sueli. Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea. In *Caos e Ordem na Filosofia e nas Ciências*, org. Lucia Santaella e Jorge Albuquerque Vieira. Face e Fapesp, São Paulo, 1999; pp. 206-21.

SANTOS, Robson dos. Interações, poder e instituições totais: a narrativa de Primo Levi e a microssociologia de Erving Goffman. *Rev. Sociol. Polit.*, Out 2009, vol.17, no.34, p.231-240.

SCHOLZ, Robinson Henrique. *Uma Andorinha Sozinha Não Faz Verão: relações de solidariedade promotoras da liderança solidária compartilhada*. São Leopoldo: UNISINOS, 2009. 187f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2009.

SINGER, P. I. (Org.) ; SOUZA, A. R. (Org.) . *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, p. 81-129, 2002.

SINGER, Paul. Comunicação Oral. In: 21ª Feira Internacional do Cooperativismo (Feicoop) e 10ª Feira Latino Americana de Economia Solidária. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 18 de julho de 2014.

SINGER, Paul. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. Estudos Avançados. V. 18, n.51, 2004.

SINGER, Paul. Entrevista com Paul Singer. Estudos Avançados. v. 22, n. 62, 2008

TIRIBA, Lia. Educação popular e pedagogia(s) da produção associada, Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 71, p. 85-98, jan./abr. 2007

TOYOKI, Sammi; BROWN, Andrew. Stigma, identity and power: Managing stigmatized identities through discourse. Human Relations. published online 10 December 2013.

VERONESE, Marilia V. A economia solidária e a formação das lideranças democráticas..Diálogo, Canoas, n. 18, 2011.

WEICK, Karl E. A psicologia social da organização. Tradução Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blücher, 1973. 120 p. (Original publicado em 1969).

WEICK, Karl E. Sensemaking in organizations. Thousand Oaks: SAGE, 1995.

Obs. Agradecemos ao apoio do SENAES/ FINEP/ CNPQ.